



## **Manipulação na fotografia: Uma discussão entre memória real e irreal<sup>1</sup>**

Ivan Andrey Farias da COSTA<sup>2</sup>  
Agda Patrícia Pontes de AQUINO<sup>3</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **RESUMO**

A fotografia surgiu com o dilema de ser uma interpretação do real, porém muitos acreditam ser uma cópia dele. A credibilidade da fotografia de antes e a de hoje, juntamente com a importância da memória individual e social são objetos de estudo nesse artigo. Passeando por teorias e conceitos e analisando imagens de valor histórico observa-se que a manipulação da fotografia é inevitável, entretanto o exagero e o mau uso trazem consequências como a perda de credibilidade tanto do fotógrafo quanto do veículo de publicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Memória; Manipulação; Credibilidade.

### **Apresentação**

Além da beleza e das formas de expressão artística, a fotografia tem sua importância social e histórica. Desde a pintura, se pensava chegar a uma forma de registrar momentos, lugares e/ou pessoas. Daniel Souza, parafraseando o investigador Jorge Pedro Souza, afirma que “a fotografia aparece num ambiente positivista, fruto de descobertas e inventos anteriores e da vontade do homem de encontrar uma forma mecânica de representação e reprodução do real.” (SOUZA, p. 4, s/d).

Passando por visões da filosofia e da psicologia, as discussões da construção e definição da memória ajudam a entender como fotografia e memória se misturam, se relacionam e se confundem (KOSSOY, 2001). Aumont (1993, p.77), ao analisar a imagem e seu espectador, questiona porque se olha uma imagem e sua resposta imediata é que a imagem, por estar vinculada ao domínio do simbólico, é a mediação entre o espectador e a realidade. Na relação da imagem com o real, o autor adota como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do 3º semestre da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), email: ivanandrey@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, profª Ma. do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), email: agdaaquino@gmail.com



referencial as reflexões de RUDOLPH ARNHEIM (1969) que coloca na imagem um valor de representação, pois representa coisas concretas, um valor de símbolo, já que representa coisas abstratas e um valor de signo quando representa um conteúdo amplo, que não vem expresso por caracteres.

Ao longo do tempo, a imagem registrada de forma artificial, ou seja, fora do cérebro humano, passou cada vez mais a representar a realidade, porém não ser uma cópia desta, apesar de comumente serem confundidas. “[...] a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de ‘o efeito do real’, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver.” (BOURDIEU, 2001, p. 28)

Para Buitoni (2011), trabalhar com imagem significa lidar com aspectos da percepção, do real e do imaginário. A autora explica que a percepção é entendida como uma atuação física, corporal e como uma elaboração que envolve elementos subjetivos e sociais, relacionados à memória de cada um. A categoria do real engloba o entorno concreto e as condições que possibilitam a percepção de mundo, já o imaginário é feito de representações construídas a partir de memórias, fantasias, concepções individuais e coletivas.

Há grandes discussões sobre o valor da fotografia, entre elas, como ela pode ser manipulada ou alterada. Neste trabalho trataremos a fotografia e a manipulação da imagem em registro fotográfico a partir de dois termos que definimos para compreendê-la melhor: a pré-fotográfica, que se refere às formas de ver e pensar a fotografia, o planejamento da imagem, ou seja, a pré-produção; e a pós-fotográfica, como sendo aquelas formas de manipulação através tanto de técnicas mais antiquadas como também por *softwares* e novas tecnologias. Julgamos aqui importante diferenciá-las porque, a nosso ver, consistem em formas diferentes de manipulação do registro fotográfico, que se dão em instantes, situações e com conhecimentos técnicos distintos, porém ambas com objetivos comuns: de alterar a percepção da realidade. Analisando imagens, perceberemos na prática essas alterações realizadas, em especial a pós-fotográfica, como veremos a seguir.



## **Memória e Manipulação na Fotografia: uma discussão sobre real e irreal**

De acordo com o psicólogo Oldemar Nunes (2010, s/p) “a memória é a capacidade do ser humano em conservar e relembrar mentalmente conhecimentos, conceitos, vivências, fatos, sensações e pensamentos experimentados em tempo anterior.” Há duas classificações de memória: individual e coletiva. Essa memória individual é uma construção de estudos, vivência, emoções e ocorrências de uma pessoa; pode ser perdida ou esquecida por problemas de saúde como o Mal de Alzheimer, ou pela falta de registro da própria. Porém de acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) a memória deve ser entendida como algo construído coletivamente, algo social. Como civilizações e grupos sociais. Fonseca-Silva *apud* Halbwachs, com uma visão durkheimiana, defende que a memória individual só existe a partir da coletiva, sendo que “as lembranças são constituídas, reconstituídas ou simuladas no interior de um grupo”. (FONSECA-SILVA, 2007, p. 17)

Calaça *apud* Gil diz que a memória é uma aptidão que permite ao indivíduo saber que vive um presente, que decorreu de suas escolhas no passado e resultará no seu futuro. “A memória então é uma forma do ser humano entender quem ele é através de lembranças que ele guarda ao longo de sua existência.” (CALAÇA, 2009, p.2).

A memória é uma coleção de quadros mentais formados a partir de impressões dos sentidos, mas acrescida do elemento tempo: as imagens mentais da memória formam-se não da percepção de coisas presentes, mas de coisas passadas. (FONSECA-SILVA, 2007, p. 12-13).

Desde os tempos mais remotos, o homem – mesmo que involuntariamente – registrava o modo de vida e de interação do seu tempo através dos desenhos rupestres, esculturas, seguidos da escrita e da pintura. Que serviram como registros da memória dos povos. “Antes da invenção da fotografia não existia nada que pudesse fazer o congelamento de um instante, exceto o poder da memória. A fotografia surge, então, como grande auxiliar da memória.” (BUITONI, 2011, p.33).

Para Bourdieu (2001), o fato de fazer fotografias, de conservá-las ou de olhá-las pode trazer satisfação em diferentes campos: a proteção contra a passagem do tempo, a comunicação com os demais, a expressão de sentimentos, a autorrealização, o prestígio social, a distração ou a evasão. Sontag (2004), dizia que, por ser um acontecimento



temporal, marcado no seu tempo, o ato fotográfico está indissolavelmente ligado à memória. Já na década de 1970 ela dizia que vivíamos na era da nostalgia, provocada intensamente pela fotografia. Henri Cartier-Bresson costumava dizer que toda fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo. Ao formular seu conceito de “momento ou instante decisivo”, o fotógrafo francês tratava do tempo que flui sem parar. Afirmava que de todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante, instante este que se esfumaça e se perde no exato momento em que é registrado.

Samain *apud* Le Goff (2007) afirma que a fotografia revolucionou a memória e que uma fotografia pode ativá-la, contar uma história sobre um passado distante ou não e permitir revivê-lo no presente. Mesmo essa fotografia/memória não pertencendo ao indivíduo que a observa. Como alguém que vê uma foto de um parente e imagina, cria no seu imaginário, uma cena a partir da imagem observada. Sendo assim, pode-se dizer que a memória está atrelada à fotografia. Quem nunca, ao tentar lembrar-se de algum lugar, acontecimento ou pessoa, tenta recriar uma imagem, um recorte do real, ou seja, recriar a fotografia imaginária do lugar?

Mas essa nova forma de criar memória trouxe consigo grandes dilemas. Aparentemente a fotografia era o método mais concreto de se “copiar” a realidade. Uma visão um tanto positivista trata a fotografia apenas como um processo físico e químico na representação real do que foi clicado. Sem levar em consideração que o fotógrafo usa de composição, enquadramento, iluminação e outros recursos que podem ser caracterizadas como formas de manipular ou mudar a imagem a ser fotografada. “Claro que o fato de a fotografia ser uma representação do ‘real’ pode não ser suficiente para lhe conferir credibilidade absoluta. Assim como a memória, ela pode ‘selecionar’ partes do real a fim de iludir, manipular, fazer parecer.” (FELIZARDO, 2007, p.211).

Afinal de contas, a foto (do grego *fós*, que significa luz) + grafia (do grego *grafis*, que significa escrita, estilo ou pincel) é construída através da luz que passa primeiramente pelo diafragma, que determina a quantidade de luz e a área de foco, seguido do obturador, que determina a velocidade em que essa luz vai ser captada, chegando ao filme ou sensor (no caso da fotografia digital), que transforma essa luz em imagem. Dependendo da configuração usada, pode-se definir a luminosidade e o foco, que é objeto em maior evidência na foto.



Existe também o *White Balance (WB)* – em português Balanço de Branco – que serve para regular o branco da foto e conseqüentemente as tonalidades das cores. Sem esquecer do enquadramento. É a partir dele que o fotógrafo escolhe o “corte da realidade” que se transformará e se eternizará em memória. Arlindo Machado (1984, p.10), um pesquisador dos diversos formatos da imagem, explica:

O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada. O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis.

O autor destaca ainda que o aparelho fotográfico altera características espaciais e temporais, de acordo com o ângulo, o enquadramento, a profundidade de campo etc. Ela é um recorte individual daquele momento, uma redução bidimensional de uma realidade tridimensional, onde o foco impõe uma direção de leitura da cena, organiza o espaço para facilitar a interpretação e assim por diante. Para o autor, toda fotografia é sempre um “retângulo que recorta o visível”, um clique que separa a cena do resto do mundo. (MACHADO, 1984)

Quem também evidencia o papel do recorte (ou da moldura) e de outros aspectos técnicos do fazer fotográfico é Aumont (1993). Para ele, os modos de visão, o tamanho da imagem, o close e a moldura que delimita o espaço da imagem dentro da realidade são características técnicas que influenciam diretamente o seu entendimento. No caso da moldura propriamente dita, o autor esclarece diversos aspectos que nem sempre são percebidos pelo espectador comum, bem como as funções ou significados que estas podem ter ou provocar. Ele cita as características visuais (separar a imagem do que está fora dela); econômicas (significar o valor monetário do quadro); simbólicas (que convenções a imagem segue); representativa e narrativa (como por exemplo a metáfora da janela aberta para o mundo); retórica (profere um discurso que convence o espectador de uma ideia). Somando-se a isso, o autor descreve outros recursos como a centralização, o enquadramento e a pirâmide visual.

Sem essa preparação prévia, ou aqui também chamada de pré-fotográfica, uma fotografia não seria construída. É assim que a fotografia consegue enfatizar ou desviar o olhar de algo; que é capaz de atrair novas interpretações da realidade que muitas vezes é

despercebida ou criada a partir da visão do fotógrafo. Porém, atualmente quando se fala em manipulação de imagem, logo se pensa na pós-produção, através de *softwares*. Mas, segundo o fotógrafo André Corrêa (2012), “desde o começo da fotografia, a manipulação existe. Sem ela, uma imagem registrada em um negativo jamais chegaria a ser vista impressa. Quando se revela um filme, e se decide quais químicos, quais tempos de revelação utilizar, existem dezenas de opções pra se escolher. Quando se escolhe uma, se está manipulando a imagem.” Afirma em seu blog *Queimando filme*<sup>4</sup>.

Um dos exemplos mais conhecidos desse tipo de manipulação é a fotografia do triunfo dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Na foto, o soldado russo agita a bandeira soviética no alto de um prédio, essa bandeira na verdade era uma toalha de mesa vermelha e o soldado estava com dois relógios no pulso, que possivelmente teriam sido espólio de guerra<sup>5</sup>. Porém a foto demorou a ser publicada porque o governo Russo a alterou, para que não gerasse uma situação constrangedora para o governo soviético da época.



Figura 1\_Disponível em: <[http://betinhoutopia.blogspot.com.br/2011/05/fotos-que-fizeram-historia\\_6324.html](http://betinhoutopia.blogspot.com.br/2011/05/fotos-que-fizeram-historia_6324.html)>  
Acessado em 24/08/2013.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.queimandofilme.com/2012/06/05/esquece-nao-existe-fotografia-sem-manipulacao-relaxa-e-aproveita/> Acessado em: Agosto de 2013

<sup>5</sup> Espólio de guerra: Produtos que os soldados vencedores pegavam das tropas perdedoras como símbolo de vitória. Os mais comuns eram as bandeiras.

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos se apropriavam da manipulação para interferir em questões políticas. Uma das técnicas disponíveis à época para esse tipo de tratamento consistia na pintura à mão sobre a própria foto ou sobre o negativo, um trabalho minucioso realizado por mãos hábeis. Exemplificamos na foto a seguir, onde, por razões desconhecidas, o general Goebbels, Ministro da Propaganda Nazista, regime liderado por Adolph Hitler na primeira metade do século passado, foi apagado. Em seu lugar resta apenas uma mancha visível aos olhos mais atentos e a reconstituição da imagem dos arbustos da paisagem.



Figura 2\_Fonte: Revista Veja. 17 de outubro de 2012, p. 96.

Segundo uma reportagem de André Petry, publicada na revista *Veja* em 17 de outubro de 2012, nada foi tão manipulado na fotografia analógica quanto à cor do céu. A claridade era intensa demais para as primeiras emulsões fotográficas. Então, era comum os fotógrafos fazerem duas capturas da cena. Só no laboratório que uma imagem era sobreposta à outra para que formassem uma única, em técnicas simples em geral feitas na hora da revelação da foto em papel fotográfico. Seguindo essa técnica da sobreposição, em 1960, o artista Yves Klein montou a foto do seu “salto no vazio” num subúrbio perto de Paris. Na imagem a seguir podemos observar como a montagem foi planejada: através da montagem de duas fotografias distintas. Essa era uma das formas em que se dava a manipulação pós-fotográfica da imagem analógica.

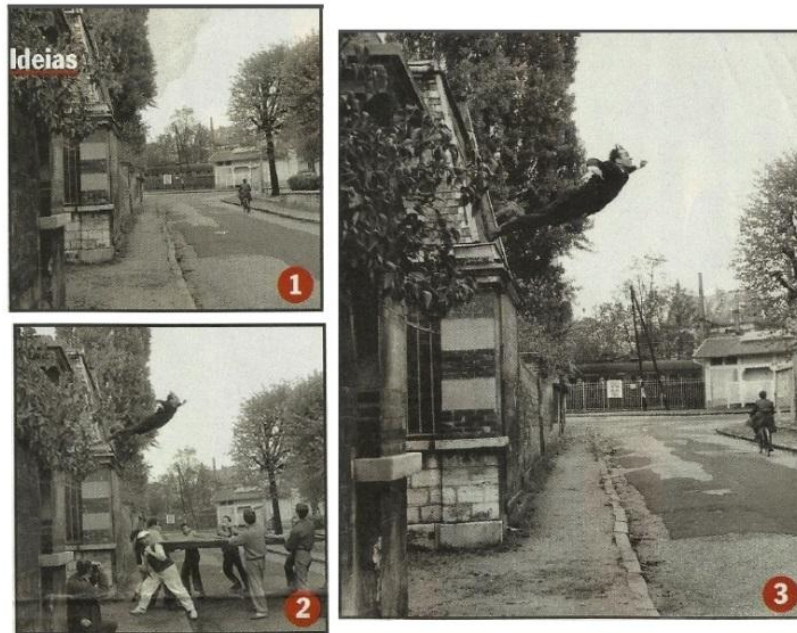


Figura 3\_Fonte: Revista Veja. 17 de outubro de 2012, p. 94.

Com o surgimento da fotografia digital no final dos anos 1980 e com a popularização dos computadores pessoais, a manipulação pós-fotográfica começou a ganhar espaço na publicidade e na moda. Entretanto, só no ano de 1990, quando já se tinha um avanço tecnológico no campo da computação e no mercado para esse tipo de produto, a Adobe, empresa que desenvolve *softwares* para computadores, lançou o *Adobe Photoshop 1.0*, um programa de edição de imagens que permitia desde a mudança de cores, retoques de sombras e luz, além de acrescentar e retirar objetos/pessoas das imagens. Inicialmente pensado para designers, o programa agradou também aos fotógrafos, a indústria da moda e da publicidade.

A inovação acabou se popularizando ainda junto ao público amador, que com a chegada teve como principal influenciador a popularização da fotografia digital nos anos 2000. Sabendo que “a fotografia nasce muito antes do clique. A progressão da tecnologia faz com que o ato de captar uma imagem pareça muito fácil e simples: não é necessário pensar.” (BUITONI, 2011, p.3). Essa facilidade se dá também pela possibilidade de uso das câmeras digitais em modo automático e da popularização da manipulação pós-fotográfica.

Mesmo com todas as vantagens e facilidades da fotografia digital, ela tem sido alvo de muitas discussões no meio acadêmico e profissional na área do jornalismo, principalmente por haver essa possibilidade de modificação do conteúdo e interpretação





da fotografia através da manipulação da imagem. Souza (2004) diz que a revolução digital possibilitou e facilitou o trabalho do fotojornalismo, mas trouxe uma série de questões que envolvem o tratamento e a manipulação fotográfica. Além disso, essas possibilidades de se alterar a realidade já registrada põem em xeque a credibilidade da fotografia e a sua capacidade de referenciar a realidade, evidenciando, igualmente, que as novas tecnologias vão provavelmente destruir de uma vez por todas a crença de que uma imagem fotográfica é um reflexo natural da realidade.

É preciso ainda diferenciar tratamento fotográfico de manipulação. O primeiro, segundo Souza (2004) consiste em modificar determinados pontos na imagem sem alterar seu conteúdo. A manipulação fotográfica, pelo contrário, deturpa informações contidas na imagem original. O autor afirma que para se manipular digitalmente uma fotografia é necessário passar por uma infinidade de procedimentos para que a alteração seja feita e produza uma nova realidade virtual. Sempre sob a justificativa de que uma boa foto vende, as revistas, os jornais, os sites, modificam as características originais da imagem, na intenção de melhorar a sua qualidade visual, muitas vezes chocando através de imagens sensacionalistas.

Frequentemente, aparecem casos de manipulações exageradas, encontrando-os em maior escala em revistas de moda, porém quando encontrado em revistas de caráter informativo gera maior discussão. Como no caso da revista norte-americana *National Review* que gerou polêmica ao editar uma foto que mostra o presidente norte-americano Barack Obama durante a Convenção Nacional Democrata em seu país, de frente para o público que segurava placas com a palavra “*Abortion*” (“Aborto”). No entanto, na realidade, as pessoas seguravam placas dizendo: “*Forward*” (“Adiante”, em tradução livre). Imediatamente Todd Smulin, fotógrafo do jornal The Charlotte Observer, se manifestou divulgando uma foto tirada do palanque logo atrás de Obama, no mesmo ângulo da usada pela National Review, que mostra as placas reais.

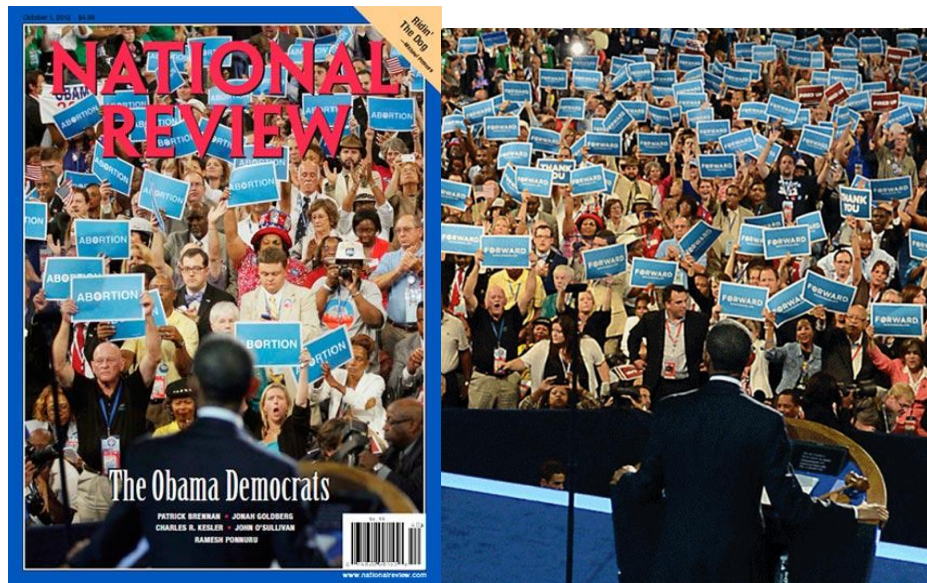


Figura 4\_Fonte: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/09/revista-americana-gera-polemica-ao-editar-fotografia-de-barack-obama.html>>. Acessado em 24/08/2013.

Segundo o site *techtudo*<sup>6</sup> a revista se retratou dizendo que “a imagem usada na capa e nas páginas internas da edição de 1º de outubro, tanto na impressa quanto nas edições digitais, foi alterada pela National Review. Esta não é a fotografia original, tal como fornecida pela 'Reuters/Newscom', e portanto não deveria ter sido atribuída a esta organização, nem ao fotógrafo”.

O dilema da credibilidade da fotografia só aumenta com o tempo, já que muitos ainda a vêem como um espelho da realidade. Pois a fotografia traz consigo muito de quem a pensa e a produz. “No jornalismo é comum à manipulação de imagens, mesmo que tal ação contradiga o Código de Ética do Jornalismo, como forma de omitir uma informação que chocaria a população ou para fazer sensacionalismo e resultar em maiores vendas nos veículos impressos.” (BATISTA<sup>7</sup>)

Atualmente um caso de manipulação que repercutiu nas redes sociais, foi em uma matéria da revista *Veja*, que é ilustrada com uma fotomontagem da jovem militante Elisa Quadros, conhecida como Sininho, em destaque, com um grupo de manifestantes em segundo plano.

<sup>6</sup> <http://www.techtudo.com.br/>

<sup>7</sup> Disponível em:

[http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_20422/artigo\\_sobre\\_etica\\_e\\_manipulacao\\_da\\_imagem\\_no\\_fotojornalismo\\_digital](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_20422/artigo_sobre_etica_e_manipulacao_da_imagem_no_fotojornalismo_digital)



Figura 5\_ Fonte: < <http://www.resumofotografico.com/2014/02/fotomontagem-da-veja-com-militante-sininho-causa-polemica.html>> Acessado em: 12/03/2014

A foto original foi realizada por Armando Paiva (Foto Arena, à direita) quando Sininho chegava a 17ª DP, na Zona Norte do Rio de Janeiro, para dar depoimento sobre o caso do rojão que matou o cinegrafista Santiago Andrade, da Rede Bandeirantes. A imagem de Elisa foi recortada e "colada" sobre uma segunda foto, realizada por Christophe Simon (AFP) durante uma manifestação. Vale resaltar que a revista colocou uma legenda pequena ao lado da imagem, no canto inferior esquerdo, explicando que a mesma se trata de uma montagem. Mesmo assim obteve uma série de críticas.

Sendo assim, percebemos que em muitos casos a manipulação pós-fotográfica é usada como forma de deturpar a verdade, uma ferramenta para construção de imagens ideológicas que não seriam possíveis sem a ajuda de pós-produção.

Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. A imagem de qualquer objeto ou situação documentada pode ser dramatizada ou estetizada, de acordo com a ênfase (intenção) pretendida pelo fotógrafo. A manipulação é inerente à construção da imagem fotográfica. A foto é sempre manipulada posto que se trata de uma representação segundo um filtro cultural são as interpretações culturais, estéticas/ideológicas e de outras naturezas que se acham codificadas nas imagens. (KOSSOY<sup>8</sup>)

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem\\_fotografica\\_e\\_historia.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem_fotografica_e_historia.html)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a memória é uma construção gradativa, ou seja, ela é construída dia após dia, sendo hoje a memória do amanhã, podemos considerar a fotografia como objeto de memória. Além de produzir, também tem a característica de servir como resgate dela. Sendo assim, uma foto retoma ao passado recente ou distante, do indivíduo ou da coletividade.

Entretanto, a fotografia não pode ser caracterizada como um espelho da realidade, e sim um recorte/interpretação do real, uma construção simbólica baseada na realidade porém diferente dela. Não querendo retirar a legitimidade da mesma, mas, na fotografia se tem uma liberdade de criação como nos gêneros artísticos e até mesmo no publicitário e jornalístico, mesmo que se diga que não, a manipulação de imagem está presente em toda fotografia. Essa afirmação vem aqui acompanhada do entendimento de que a manipulação não está apenas na pós-produção, mas desde o pensamento da fotografia, desde o momento em que ela acontece na mente do fotógrafo, ao passar pelas características em nível técnico e, por fim, nos ajustes ou modificações posteriores ao clique. Assim, é praticamente impensável que haja fotografia sem algum nível de manipulação, portanto, sendo impossível evitá-la, podendo o fotógrafo talvez apenas utilizá-la de forma consciente, sincera e realista.

## REFERÊNCIAS:

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

BUITONI, Ducilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

CALAÇA, Mariana Capeletti; HUBER, Erick Rôso. **Fotografia - Instrumento de registro e alguns efeitos de inovações tecnológicas**. Curitiba: Intercom, 2009.

CORRÊA, André. **Esquece. Não existe fotografia sem manipulação. Relaxa e aproveita**. Disponível em: <<http://www.queimandofilme.com/2012/06/05/esquece-nao-existe-fotografia-sem-manipulacao-relaxa-e-aproveita/>> Acessado em: 24/08/2013

FELIZARDO, Adair. SAMAIN, Etienne. **Discursos Fotográficos: A fotografia como objeto e recurso de memória**. Londrina, 2007.



FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Mídia e Lugares de Memória Discursiva**. In: **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

KOSSOY, Boris. **Imagem fotográfica e história**. Disponível em:  
<[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem\\_fotografica\\_e\\_historia.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem_fotografica_e_historia.html)> Acessado em: 12/03/2014.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NUNES, Oldemar. **Definição, função e tipos de Memória**. Disponível em:  
<<http://www.webartigos.com/artigos/definicao-funcao-e-tipos-de-memoria/36064/#ixzz2bflVcenH>>. Acessado em: 11/08/2013.

PRETY, André. **Vale por mil palavras?** Veja, São Paulo, v. 2291, n. 42, p. 94-96, out. 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. **A Fotografia Enquanto Representação do Real: A identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic**. \_\_\_\_: Bocc, s/d.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotografia. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Ed. Letras Contemporâneas, Florianópolis, 2004.